

EDITORIAL

Faz algum tempo que o Sistema Farsul alerta sobre a crescente seletividade no crédito agrícola dentro do Plano Agrícola e Pecuário. A questão está altamente relacionada à crise econômica que, felizmente, o Brasil parece deixar para trás. Em meio ao desgaste econômico geral, os depósitos à vista e em poupança nos bancos, principal fonte do programa de financiamento da agricultura, escassearam. Mas as autoridades brasileiras insistiam em ignorar o fato, fantasiando - e de maneira oficial - com aumentos de recursos no Plano Safra que jamais chegaram ao agricultor dependente desse crédito para se manter na atividade.

A verdade é que o produtor está cada vez mais ciente dessa questão, alardeada pelas entidades do setor produtivo, em especial a Federação gaúcha. Afinal, aquela dificuldade toda em obter um empréstimo no banco, seja ele qual fosse, precisava de um motivo razoável, um fato simples por trás do emaranhado de números e da burocracia que só aumenta. Precisamente, o volume de R\$ 194,37 bilhões anunciado pelo presidente da República, Michel Temer, e pelo ministro da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), não mais causa tanto impacto. O que chama atenção mesmo são as taxas de juros, o tamanho do apoio no seguro agrícola, a abrangência das linhas de financiamentos. E nisso, pode-se dizer que o governo mais uma vez, em parte, deixa a desejar.

No ano passado, o alerta da Farsul foi de que, ao final do ano safra 2017/2018, era possível que os produtores estivessem diante de condições do Plano Safra superiores à Taxa Selic, que serve de referência para todas as demais taxas de juros do país. Uma situação absolutamente contraditória, considerando que esse mesmo Plano, em seu âmago, tem como objetivo estimular a produção e a competitividade da agropecuária brasileira. Pois agora, fica claro que a questão não foi negligência, mas sim uma opção real da União.

O Plano Safra 2018/2019 traz uma taxa de juros para custeio em 7% ao ano. Neste exato momento, a Selic está em 6,5% ao ano, e discute-se mais quedas do que um possível aumento. Apenas os produtores enquadrados no Pronamp é que, possivelmente, conseguirão montar a lavoura pagando menos que a Selic. Possivelmente porque, é claro, a seletividade de crédito permanece firme e forte.

O setor produtivo queria um corte maior: 5% ao ano foi o pleito da CNA. Faltou o governo lançar mão da "faca" que, sucessivamente, mitigou o apoio do Mapa no prêmio do seguro agrícola. É verdade que o aporte aumentou significativamente, como também é verdade que os R\$ 600 milhões anunciados são apenas metade do necessário para mudar a realidade no campo.

O Plano Safra não é uma catástrofe, mas também não esteve à altura da contribuição do agronegócio na recuperação recente da economia brasileira, em termos de PIB, empregabilidade e controle da inflação.

Fogueiras de junho

Blau Souza*

O amigo Luiz Coronel, em tempo de colégio e de Bagé, dizia num tom de brincadeira: "Saudade é espinho cheirando à flor". Desde então assumi muitos espinhos e desisti de procurar novas definições para a agridoce saudade. Cutucado por alguns deles, bem pontudos, recordo festas juninas de minha infância. Valia a pena caprichar nas notas para entrar em férias no final de junho e ir para a campanha, para o Sobrado, a tempo de participar da festa de aniversário do meu irmão Zeca. Ela somava-se aos festejos de São Pedro e São Paulo em noites frias de pampa gelado. Os preparativos começavam dias antes e envolviam todo o pessoal da casa. Desde a compra de foguetes, passando pelo preparo de beberagens e guloseimas e arrematando com o erguimento da fogueira à frente da estância. Uma junta de bois carregava ramos de árvores escolhidas pelo seu Cirilo, homem para qualquer lida, e que levantava respeitável fogueira à distância segura das casas. Troncos de coronilhas tombadas eram valorizados pela qualidade de suas brasas, galhos de mata-olho evitados pela fumaça que produziam, enquanto cipós se encarregavam de dar unidade e consistência à estrutura já bem alta e com boa base. Rojões e brilhos faiscantes pelo céu anunciavam a festa para a gurizada gritona. Brinquedos de roda conviviam com sustos e correrias na fuga aos busca-pés. Fagulhas e belas chamas se desprendiam da fogueira que se ia consumindo até permitir que os mais afoitos comessem a

pulá-la, e até mesmo que alguns poucos passassem descalços por sobre as brasas. Muita carne, batata doce, pipoca, amendoim, rapadura; muito mate e algum quentão, refrigerantes para a turma miúda, assim se desenvolvia a festa até seu final. No mais, a fogueira já transformada em cinza quente, assumia-se como original borralho em meio ao branco dos campos cobertos pela geada.

Colégio, faculdade e vida de médico mudaram meus cenários das festas juninas. As cidades as festejavam de forma

Que se conservem a tradição, o folclore e a religiosidade dessas festas sem medo de afrontá-las ao batalhar pela proteção nossa e do meio ambiente. Juninamente, desejo que os velhos, no futuro, possam falar delas como o faço hoje, mas com menos restrições graças à melhora no comportamento humano.

intensa e com rara criatividade. Aspectos de um Brasil caipira e tropical mesclavam-se com costumes gaúchos, ainda que exigindo roupas quentes para enfrentar o frio. E como eram ingênuas e impregnadas de religiosidade. Ruas interrompidas viravam palcos nas vilas e bairros, organizavam-se quermesses com fins caritativos e que propiciavam muitos namoros. Mas tanto eu quanto as festas juninas fomos perdendo a inocência. De repente, eu me recusava a ficar próximo de fogueiras mantidas com pneus incendiados, cuja fumaça escura e malcheirosa emporcalha pessoas e suas roupas. Pior

que isso, como estudante de medicina e estagiário do Pronto Socorro, passei a valorizar e a temer as festas juninas como fornecedoras de acidentados graves. O potencial dos fogos de artifício para produzir queimaduras e destruição de partes de nossos corpos é muito grande e, por causa deles, são muitos os que morrem ou têm membros amputados, cegueira e outras sequelas graves. Para piorar tudo isso, as vítimas geralmente estão entre os jovens, entre os inexperientes. E mais, as tragédias nem sempre atingem apenas indivíduos ou grupos familiares, pois se repetem a cada ano os incêndios causados pela queda de balões e que matam, devastam casas, florestas, campos cultivados e criações.

Estarei eu falando contra festas populares? Não, apenas as quero seguras, alegres, sem tragédias. Nada deve empanar os festejos juninos, capazes de reunir gente de todas as idades em torno das fogueiras. Proibidos os balões, é necessário que os fogos de artifício sejam usados com segurança e por quem saiba manejá-los. Que se conservem a tradição, o folclore e a religiosidade dessas festas sem medo de afrontá-las ao batalhar pela proteção nossa e do meio ambiente. Juninamente, desejo que os velhos, no futuro, possam falar delas como o faço hoje, mas com menos restrições graças à melhora no comportamento humano. Danos? Apenas os causados pelos espinhos perfumados da tal saudade.

*Médico e escritor

EXPEDIENTE

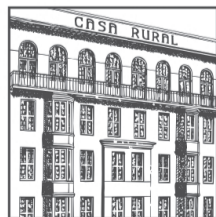
SISTEMA FARSUL



Federação da Agricultura do Rio Grande do Sul



Rio Grande do Sul



CENTRO DO AGRONEGÓCIO

FARSUL

Presidente:
Gedeão Silveira Pereira
Vice-presidente:
Elmar Konrad
Diretor Administrativo:
Francisco Lineu Schardong
Diretor Financeiro:
Jorge Rodrigues

SENAR-RS

Presidente:
Gedeão Silveira Pereira
Superintendente:
Gilmar Tietböhl
Divisão Técnica:
João Augusto Telles
Divisão de Arrecadação:
Saulo Gomes
Div. Administração e Finanças:
Valmir Susin

JORNAL SUL RURAL

Diretor: Décio Rosa Marimon
Jornalista responsável:
Sebastião Ribeiro (MTb/RS 11.009)
Fotos: Tiago Francisco,
Gerson Raugust e Arquivo
Colaboração: Alessandra Bergmann
e Samuel Lima
Circulação Mensal
Tiragem: 35.000 exemplares

Administração, redação e comercial: Praça Saint Pastous, 125 - Fone: (51) 3214.4400
Fax: (51) 3221.9113 e-mail: sulrural@farsul.org.br - Porto Alegre/RS - Cep 90050-390